

Regional

MÚSICA E TRADIÇÃO

Estado tem único artesão que produz concertinas

Instrumento mais detalhado sai por até R\$ 25 mil

Sandrinho da Sanfona é procurado por músicos de todo o Brasil e de outros países para produzir ou reformar instrumentos

**Alessandro de Paula
Julio Huber**

A concertina, que chegou ao Brasil entre os séculos 19 e 20 com os imigrantes europeus, é produzida até os dias de hoje no Espírito Santo por um morador de Iúna, no sul do Estado. Alessandro José de Moraes, o Sandrinho da Sanfona, 32 anos, é o único fabricante artesanal deste instrumento musical no País.

Além de concertina, Sandrinho produz outros instrumentos de fole, como o acordeão, a sanfona e o bandoneon, este último utilizado principalmente no tango argentino.

O artesão de Iúna produz todas as peças da sanfona, desde o fole, a parte sanfonada que serve como pulmão do instrumento, às linguetas e palhetas, partes metálicas responsáveis pelo som. Também faz a moldura das peças de madeira e o acabamento.

“Começo do zero e entrego o instrumento pronto. Já percorri todo o País. Conheci pessoas que consertam sanfona, fabricam uma ou outra peça, mas nunca descobri quem produzisse todas as partes como eu faço”, garantiu.



FOTOS: ALESSANDRO DE PAULA

ALESSANDRO é responsável por todas as etapas da produção dos tradicionais instrumentos musicais

A fama do artesão de Iúna se espalhou no meio musical e vários artistas são clientes dele, como Os Irmãos Zanetti, Os Santanas, Beijo Apimentado, Os Brasileiros, Os Carreiros, Zé Paulo do Acordeon, Xamego do Forró, Gabriel e Edivandro e Odair de Paula.

Há instrumentos produzidos por ele em vários estados brasileiros, como Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás.

Também já atendeu a um cliente da Argentina.

Ao longo dos 20 anos de carreira, ele estima que tenha fabricado entre 80 e 100 unidades, mas disse que perdeu as contas de quantos instrumentos já passaram por suas mãos para reforma ou afinação.

O ofício ele aprendeu com um artesão autodidata que conheceu na adolescência, mas viajou por vários estados aprendendo novas técnicas.

“Visitei algumas regiões, principalmente no Sul do Brasil, a Argentina e o Uruguai. Levei alguns projetos meus e troquei experiências. Descobri algumas técnicas e trouxe novos equipamentos que agilizaram muito o serviço”.

“Antes, demorava uma semana para produzir um fole. Hoje, começo pela manhã e à tarde está pronto. Eram seis meses para fazer um acordeão. Agora, demoro cerca de 25 a 30 dias”.

Novo morador levou ofício para região

A história da fabricação de sanfonas em Iúna teve início no final da década de 80, com o artesão José Domingo Louzada, o Zé da Sanfona, que veio de Muniz Freire. Na sua nova moradia, ele ensinou o ofício a Alessandro José de Moraes quando este tinha 12 anos de idade.

Alessandro lembra que o gosto pelo acordeão surgiu aos quatro anos de idade, por incentivo de seu pai, o motorista de ambulância Gentil Guedes Moraes, 67 anos, que sempre tocou por prazer.

“Apaixonei-me por esse instrumento. Era Deus no céu e o acordeão na Terra. Aos oito anos já tocava nas missas, quadrilhas e em outros eventos religiosos”, relembra.

Porém, o ofício de produzir acordeões surgiu por acaso. Seu avô, Abelardo Guedes de Moraes, um barbeiro muito popular na cidade, conheceu Zé da Sanfona e ficou impressionado com a habilidade do artesão autodidata que, a

partir de um pedaço qualquer de madeira, produzia um instrumento musical.

Ele foi convencido pelo avô de Alessandro a mudar-se para Iúna e lá montou uma oficina de reparo de sanfona. Sem energia elétrica e com poucas ferramentas, produzia algumas unidades, entre um concerto e outro.

“Foi a pessoa mais inteligente que conheci. Cortava um cano de PVC e fazia os teclados. Utilizava uma caixa de papelão para produzir o fole. Com a corda de um relógio e um pedaço velho de alumínio produzia música”, diz Sandrinho.

Morando perto de sua casa, Alessandro logo fez amizade com o artesão e o ajudava nas suas atividades. Aprendeu o ofício, mas cinco anos mais tarde o amigo morreu por problemas de saúde.

“Foi uma época difícil em minha vida. Perdi um grande amigo e na mesma época também morreram meu avô e um irmão”. Ele ficou desanimado e por cerca de um ano



ABELARDO GUEDES E SANDRINHO se apaixonaram pela tradição

não trabalhou com sanfona, mas retornou aos poucos.

“Muita gente que conhecia o Zé vinha a Iúna para consertar ou afi-

nar a sanfona e ficava sabendo da morte dele. Eu acabei pegando alguma coisa para fazer e fui assumindo o ofício”, explica.

Entre comprar um carro e um acordeão, a grande maioria das pessoas optaria pela primeira alternativa. Porém, tem gente que paga uma pequena fortuna por um bom instrumento de fole.

O produtor de sanfona Alessandro José de Moraes disse que chegou a vender um acordeão por R\$ 25 mil. “Peguei um Uno zero quilômetro e mais R\$ 3 mil de volta”, lembra.

Esse foi o acordeão mais caro vendido por Alessandro, mas há instrumentos mais baratos, que custam a partir de R\$ 1,5 mil. Ele explicou que, de acordo com o número de teclas e botões, riqueza de detalhes, qualidade das peças e beleza, o produto vai aumentando de preço.

Há ainda relíquias, instrumentos bem antigos, como é o caso de uma concertina que ele guarda até hoje e que vale mais de R\$ 30 mil.

Alessandro vive exclusivamente do concerto, afinação e venda de acordeões. Para se dedicar integralmente ao ofício, ele deixou para trás um trabalho estável como operador de máquinas na Prefeitura de Iúna.

“Logo no início dava para conciliar. Trabalhava na prefeitura durante o dia e cuidava das sanfonas à noite, mas o número de pedidos aumentou e precisei abrir mão do outro trabalho”, comenta.

Há opções de sanfonas e acordeões em lojas de instrumentos de som, que custam a partir de R\$ 1,1 mil. Porém, há alguns produtos profissionais que ultrapassam os R\$ 20 mil.

A diferença, na avaliação de Alessandro, entre seu produto e o de uma loja é a exclusividade, pois ele nunca produz uma peça igual a outra e também o fato de o produto atender ao desejo do cliente.

“Faço o instrumento do jeito que ele quiser. Menor, maior, com mais ou menos baixos”, afirma.



ARTESÃO exhibe a concertina

OS NÚMEROS

30 dias
é o prazo para fabricação

R\$ 1,5 mil
é o valor mínimo do instrumento